

LÍNGUA, COMUNIDADE E PLURICENTRISMO À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA

Davi Albuquerque¹ (NELIM/ GEPLÉ)

Resumo: A Ecolinguística apresenta diversas teorias, ramificações, metodologias e faz interface com diversas áreas do conhecimento, sendo a Linguística e a Ecologia as principais. Porém, a Ecolinguística mesmo sendo elaborada como uma alternativa, bem como uma crítica a certas visões e práticas vigentes no mundo atual, tanto científicas, quanto socioeconômicas, ainda continua sendo mal-vista ou desconhecida por parte dos pesquisadores. No presente artigo, emprega-se a Linguística Ecolinguística por diversos fatores, sendo o principal: essa vertente possuir relação íntima com a Ecologia Biológica. Para não haver críticas ou equívocos, faz-se necessário uma introdução explicativa a respeito da disciplina, deixando claro os seguintes aspectos da Ecolinguística: a definição, os níveis de atuação e a terminologia, o que será feito na seção (1). Na seção seguinte, em (2), serão apontados os conceitos de língua, interação e comunidade de fala dentro da Ecolinguística. Na seção (3), serão apresentadas as noções de pluricentrismo e acentrismo também sob uma perspectiva da Ecolinguística, sendo que ambos estão relacionados com a interação e a comunidade de fala. Finalmente, na seção (4), serão tecidas algumas considerações finais a respeito da Ecolinguística como uma nova maneira de estudar as línguas, de se encarar as ciências e de se enxergar o mundo, ou seja, esta disciplina possui muito a

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do NELIM (Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário), da Universidade Federal de Goiás (UFG), e do GEPLÉ (Grupo de Estudos de Linguística Ecolinguística), da Universidade de Brasília (UnB).

ser desenvolvido ainda, por ser relativamente recente, bem como a contribuir para a comunidade científica e para nossa sociedade.

Palavras-chave: Ecolinguística; Linguística Ecológica; Comunidade de fala; Pluricentrismo.

Abstract: Ecolinguistics presents several theories, ramifications, methodologies and interfaces with different areas of knowledge, being Linguistics and Ecology the main ones. However, Ecolinguistics, even being elaborated as an alternative and as a critique of certain current scientific and socioeconomic views and practices in the world, is still poorly regarded or unknown by researchers. In the present article, we use Ecosystem Linguistics for several factors, the main one being: this aspect has a close relationship with Biological Ecology. In order to avoid criticism or misunderstanding, an explanatory introduction about this discipline is necessary, making clear the following aspects of Ecolinguistics: the definition, the levels of action and the terminology, which will be done in section (1). In the next section, in (2), the concepts of language, interaction and speech community within Ecolinguistics will be pointed out. In section (3), the notions of pluricentrism and accentrism will also be presented from an Ecolinguistic perspective, both of which are related to interaction and the speech community. Finally, in section (4), some concluding remarks about Ecolinguistics will be withdrawn as a new way of studying languages, facing the sciences and seeing the world. In other words, this discipline has much to be developed, but it has also the potential of contributing to the scientific community and our society.

Keywords: Ecolinguistics; Ecosystemic Linguistics; Speech Community; Pluricentrism.

Introdução

A Ecolinguística é uma disciplina que traz uma visão ecológica para os estudos da linguagem. Ela representa uma nova maneira de se olhar um objeto de pesquisa, seguindo a proposta dos sistemas complexos, inserindo-se, assim, num novo paradigma para as ciências, o paradigma ecológico, sendo considerada de natureza multidisciplinar (COUTO, 2013, 2015). O filósofo da linguagem Finke (2017) chega a afirmar que a abordagem ecológica para os estudos da linguagem é precursora duma nova era para as ciências, uma era transdisciplinar.

É possível afirmar que o surgimento da Ecolinguística data da década de 1970, com o linguista Einar Haugen, que a definiu como o estudo das relações entre língua e meio ambiente (HAUGEN, 1972). Essa definição, bem como a abordagem ecolinguística, vem sendo refinada por seus

ECO-REBEL

praticantes nas últimas décadas. Desde seu surgimento até início da década de 1990, ela foi considerada uma subárea da Linguística, relacionada ao contato de línguas ou à sociolinguística ou à Linguística Aplicada. Atualmente, há um consenso entre os seus praticantes de que a Ecolinguística é uma ciência independente, sendo de caráter multidisciplinar (COUTO, 2013, 2015), por ser formada a partir de várias disciplinas, podendo fazer uso de diferentes suportes teórico-metodológicos (ALBUQUERQUE, 2015; COUTO, 2018), ou até mesmo transdisciplinar (FINKE, 2014, 2017).

De acordo com o que foi apresentado e será exposto detalhadamente abaixo, a Ecolinguística apresenta diversas teorias, ramificações, metodologias e faz interface com diversas áreas do conhecimento, sendo a Linguística e a Ecologia as principais. Porém, a Ecolinguística mesmo sendo elaborada como uma alternativa, bem como uma crítica a certas visões e práticas vigentes no mundo atual, tanto científicas, quanto socioeconômicas, ainda continua sendo mal vista ou desconhecida por parte dos pesquisadores. Entre as visões e práticas mais criticadas pelos ecolinguistas estão: a visão de mundo atual de nossa sociedade, principalmente relacionadas à globalização e seus malefícios aos indivíduos, a grupos de indivíduos e a todas as espécies; a destruição de todo tipo de diversidade (linguística, cultural, étnica, religiosa, biológica etc.); desvalorização da vida e do meio ambiente; a ênfase apenas nos aspectos econômicos da vida em sociedade, em detrimento das demais relações humanas, animais e ambientais.

Há um consenso entre os ecolinguistas a respeito da existência de diferentes teorias ecolinguísticas, sendo que estas apresentam concepções ou enfocam partes distintas de seu objeto de estudo e possuem metodologias específicas. As principais teorias/ modelos ecolinguísticas que podemos citar são: o modelo gravitacional (CALVET, 1999, 2016b); a gramática pragmo-ecológica (MAKKAI, 1993, 2015, 2016); a teoria do sistema-língua-mundo (TRAMPE, 1990, 1996, 2016); a linguística ecossistêmica (COUTO, 2013, 2015, 2016); a linguística dialética, ou ecolinguística dialética (BANG; DØØR, 2007, 2015); unificação das teorias do sistema-língua-mundo e da ecolinguística dialética (BANG; TRAMPE, 2014).

No presente artigo, emprega-se a Linguística Ecossistêmica (doravante LE) por diversos fatores, entre eles: essa vertente da Ecolinguística possui relação íntima com a Ecologia Biológica, ou seja, encara a língua, a comunidade e as interações como elementos naturais dentro de um ecossistema; as ideias ecológicas não são utilizadas de maneira metafórica, conforme se infere da afirmação

ECO-REBEL

anterior; a LE vem ganhando um espaço significativo no Brasil nos últimos anos²; a LE possui teoria e metodologia bem claras, assim como diversos estudos de caso e aplicações.

Desta maneira, além desta introdução explicativa a respeito da disciplina, é necessário deixar claro os seguintes aspectos da Ecolinguística: a definição, os níveis de atuação e a terminologia, o que será feito na seção (1). Na seção seguinte (2), serão apontados os conceitos de língua, interação e comunidade de fala dentro da Ecolinguística, sendo que a interação é um conceito central e que é a partir dele que se desenvolvem todos os outros, bem como os estudos ecolinguísticos. Na seção (3), serão apresentadas as noções de pluricentrismo e acentrismo também sob uma perspectiva da Ecolinguística, sendo que ambos estão relacionados com a interação e a comunidade de fala. Finalmente, na seção (4), serão tecidas algumas considerações finais a respeito da Ecolinguística como uma nova maneira de estudar as línguas, de se encarar as ciências e de se enxergar o mundo, ou seja, esta disciplina possui muito a ser desenvolvido ainda, por ser relativamente recente, bem como a contribuir para a comunidade científica e para nossa sociedade.

1. Ecolinguística: aspectos teóricos e terminológicos

A Ecolinguística está relacionada com a Ecologia Biológica, que estuda as redes de interações entre os organismos dentro dum ecossistema (ODUM, 1971, p. 8). Já o ecossistema consiste nas interações entre os organismos (os indivíduos) numa determinada área, levando em consideração seu meio ambiente (o mundo). Essas interações podem se dar tanto entre indivíduo e mundo, quanto entre indivíduos.

A Ecolinguística encara a língua como interação, procurando estudar como ela se dá dentro de um ecossistema específico, observando principalmente a tríade língua (L), povo (P) e território (T) dos quais derivam três ecossistemas, a saber: o Ecossistema Natural da Língua, Ecossistema Mental da Língua e o Ecossistema Social da Língua, bem como um Ecossistema Integral da Língua, que une os três ecossistemas linguísticos anteriores (COUTO, 2013, 2015). Além disso, a Ecolinguística estuda as interações comunicativas, analisando os aspectos ecológicos e sistêmicos destas, por meio da chamada ecologia das interações comunicativas.

Na atualidade, faz-se necessária a modificação da visão de mundo perniciososa que nossa sociedade apresenta e a urgência de se cuidar do meio ambiente, sendo que este é apenas um dos três grandes

² Sobre uma retrospectiva da Ecolinguística no Brasil na última década, bem como um balanço de seus projetos, resultados e contribuições, ver Araújo (2017) e Couto (2017).

níveis em que a Ecolinguística procura atuar (FILL; PENZ, 2017, p. 441). As características mais criticadas por ecolinguistas dessa visão são aquelas relacionadas à globalização e seus malefícios a indivíduos, a grupos de indivíduos e a todas as espécies, como: destruição de todo tipo de diversidade (linguística, cultural, étnica, religiosa, biológica etc.); desvalorização da vida e do meio ambiente; ênfase apenas nos aspectos econômicos da vida em sociedade, em detrimento das demais relações humanas, animais e ambientais.

De acordo com Fill e Penz (2017, p. 442), esses três níveis de atuação da Ecolinguística são: 1 – a diversidade linguística e todas as áreas afins; 2 – as relações ‘língua-discurso-meio ambiente’; 3 – a Ecolinguística como uma ciência transdisciplinar.

Fill e Mühlhäusler (2001, p. 1) separam também três subáreas da Ecolinguística que estão de acordo com os três níveis de atuação da disciplina, citados anteriormente. Estas três áreas são: a ‘Ecolinguística Crítica’ (estuda os usos da língua em relação ao meio ambiente), ‘Língua e Meio Ambiente’ (estuda as relações entre língua e o meio ambiente natural em que ela está inserida) e ‘Linguística como Metáfora’ (a ecologia é utilizada apenas de maneira metafórica para explicar fenômenos linguísticos, principalmente em contato de línguas).

Finalmente, consideramos importante reduzir a abrangência do termo ‘ecolinguística’, bem como dos termos afins, delimitando cada um deles. Isto já foi feito por alguns ecolinguistas, porém alguns deles acabam por oferecer significados próprios, fazendo, assim, com que haja mais confusão. Com isso, adotamos aqui a proposta de Couto (2007, p. 42) que traduziu para a língua portuguesa os termos existentes e definiu-os, de acordo com seu modelo teórico e também os manuais de Ecolinguística já publicados, oferecendo o que há de consenso entre os praticantes dessa disciplina.

2. Língua, interação e comunidade de fala

Nos principais manuais de Ecolinguística, como Fill e Mühlhäusler (2001) e Fill e Penz (2017), é possível perceber duas concepções sobre as relações entre língua e meio ambiente. A primeira, iniciada por Haugen (1972), trata metaforicamente dos conceitos ecológicos nos estudos da linguagem, enquanto a segunda, em que Halliday (2001 [1990]) faz o percurso contrário, chama atenção do impacto das línguas sobre as temáticas do meio ambiente. Há ainda uma terceira abordagem, que é a teoria do sistema-língua-mundo (TRAMPE, 1990, 1996, 2016), bem como a LE (COUTO, 2013, 2015, 2016b), a qual foi influenciada pela teoria anterior. Nesta abordagem,

ECO-REBEL

há uma visão ecológica sobre o mundo e, da mesma maneira, a linguagem é encarada como um fenômeno ecológico, ou seja, há o ecossistema linguístico e nele “a língua (L) são as interações verbais que se dão entre os membros da população ou povo (P) e entre eles e o mundo ou território (T), exatamente como na ecologia biológica” (COUTO, 2015, p. 42).

Em Albuquerque (2017), há sugestões de estudos de caso de acordo com a LE que esclarecem o leitor sobre a aplicação dessa teoria, bem como seu suporte metodológico. Partindo do conceito de ‘dinâmica das línguas’ do funcionalismo e expandindo-o para um estudo ecolinguístico de natureza holística, tendo a parte leste da ilha de Timor como ecossistema linguístico, Albuquerque (2017, p. 195) aponta os seguintes aspectos teóricos relacionados à dinâmica das línguas em sua acepção do funcionalismo:

- Atos de interação comunicativa (AIC) e a ecologia da interação comunicativa (EIC);
- Regras interacionais e regras sistêmicas;
- Ecologia do contato de línguas;
- Pluricentrismo e acentrismo linguístico;
- Linguodiversidade.

O autor acrescenta que “a listagem acima não foi elaborada de maneira arbitrária, mas partindo dos temas mais discutidos em direção aos menos abordados até o momento nos estudos ecolinguísticos, bem como do particular ao universal” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 195). Ainda em Albuquerque (2017, p. 196), seguindo a proposta da multimetodologia em Ecolinguística, elabora uma lista “para o estudo de dinâmica das línguas no âmbito da Linguística Ecossistêmica”, chamando atenção para o fato de que “alguns pontos já foram bem estudados dentro da Ecolinguística (como os pontos 1 e 2) ou de outra disciplina, como a Linguística Descritiva, a Sociolinguística ou o Funcionalismo (3 e 4)” mas que “há outros que até o momento não estão bem delimitados ou estudados, encontrando-se abertos para pesquisas futuras” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 196).

Entre os elementos da metodologia e coleta de dados, o autor destaca alguns como: o trabalho de campo ecolinguístico³; a observação e a interação com a comunidade (AIC e regras interacionais);

³ Sobre a noção de ‘trabalho de campo ecolinguístico’, ver Nash (2013) e Albuquerque (2015). A ideia de pesquisar um ecossistema linguístico reduzido e delimitado é para que o pesquisador consiga abordar de maneira holística todas as interações que ocorrem dentro do ecossistema estudado. Este procedimento metodológico da Ecolinguística é chamado de ‘minimalismo empírico’ e também se encontra explicado nas

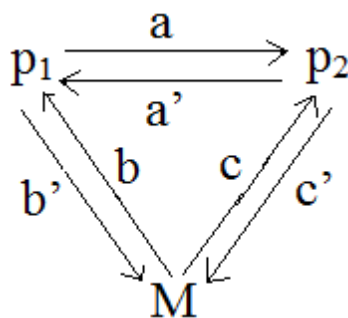
e o conhecimento acadêmico (levantamento bibliográfico, interdisciplinaridade) e ecológico da comunidade estudada (convivência).

Além da proposta metodológica listada acima, Albuquerque (2017, p. 197) também elabora uma lista com os principais pontos para uma análise ecolinguística, sendo que é possível observar, interpretar e analisar de acordo com uma abordagem ecolinguística as interações (familiares, com a comunidade e com o pesquisador); a influência da escolarização, da mídia e da presença estrangeira; a coexistência de diferentes sistemas dentro do ecossistema e a descrição deles. Esses assuntos estão relacionados com a sociolinguística, multilinguismo, contato de línguas, descrição linguística etc.

Vale lembrar que temos dois tipos de interação: a interação indivíduo-mundo, que consiste no processo de significação, de referência, de denotação, de denominação, entre outros; a interação indivíduo-indivíduo, que é a comunicação, referida dentro da Ecolinguística como interação comunicativa.

A Ecolinguística encara o fenômeno da linguagem como uma série de interações e inter-relações que estão conectadas umas com as outras, fazendo com que o estudo de uma parte separada (um único fenômeno linguístico específico) seja visto como uma abstração que, além de não se relacionar com o objeto de estudo como um todo, não está de acordo com a realidade, que é a língua em uso por seus falantes. A fig.1 abaixo representa a perspectiva com que o ecolinguista observa a interação comunicativa dentro do ecossistema:

Fig. 1 A interação comunicativa (COUTO, 2015, p. 51)



duas referências citadas.

ECO-REBEL

Os indivíduos mínimos necessários para a interação consistem num par, duas pessoas (p_1) e (p_2), sendo o primeiro o falante, enquanto o segundo, o ouvinte, no primeiro momento da interação (do segundo em diante os papéis se invertem). A interação ocorre com o falante fazendo uma solicitação (a) ao ouvinte que a atende (a'), porém para um estudo ecológico da interação comunicativa deve-se levar em consideração também as interações que cada indivíduo tem com o mundo (M), que são distintas para cada pessoa, por isso (b) e (b') para (p_1) e (c) e (c') para (p_2). Vale enfatizar que é aqui que ocorrem os processos de significação e referência; a eficácia do processo comunicativo depende da proximidade entre (b) e (c): quanto mais distantes, pior será a comunicação entre os indivíduos. Para finalizar, é preciso ressaltar que elas dependem das regras interacionais, que serão comentadas abaixo, e das regras sistêmicas, que são o sistema ou a gramática.

Para Garner (2014, p. 115), as regras, de acordo com uma visão ecolinguística, não são um conjunto de fatos estáticos. As regras são processos temporais e emergentes regidos pela 'formulação' e 'implementação', sendo que o primeiro se preocupa com o estudo da estabilização das regras, enquanto o segundo com sua aplicação e os conhecimentos necessários para os falantes empregá-las. Assim, a gramática e o dicionário são vistos como 'formulários', um conjunto específico de fórmulas. Por isso, a preocupação maior do linguista não deve ser com descrever um recorte estático do que seria a regra, pois tal trabalho não descreve a realidade das regras, tampouco compreende os processos que a formaram. O foco do ecolinguista seria descrever os processos emergentes, principalmente baseado nos sistemas complexos, tanto da formação das regras, quanto das escalas temporais de seu emprego pelos falantes (URYU; STEFFENSEN; KRAMSCH, 2014; BASTARDAS-BOADA, 2017).

A Ecolinguística não descarta a importância da gramática e do dicionário, já que ambos são importantes para manter a visão externa que o falante tem de sua língua, das regras e, por último, da estabilidade e possibilidade de suas interações. De maneira distinta, a visão interna das regras é que foca na interação, principalmente na comunicação por meio da língua, fazendo uso de antecipações, criatividade e sociabilidade (GARNER, 2004, 2014, 2015).

Tal visão está em concordância com a teoria sistema-língua-mundo e a LE, ao separar a endoecologia (visão interna) e a exoecologia linguísticas (visão externa), bem como com o fato de encarar a língua como interação comunicativa, ou seja, como a própria comunicação, sendo um traço psicológico, social, natural e cultural de nossa espécie.

ECO-REBEL

Para Couto (2015, 2016b), as regras que importam na interação são aquelas que são vistas pelo falante como ‘regularidades’, e não as que são ‘regulamento’. Ademais, Couto (2015, 2016b) afirma que as regras vistas como ‘regularidades’ são as regras da interação, ou regras interacionais. Albuquerque (2020) explica que para Couto (2015, 2016b) na LE destacam-se “os três ecossistemas (natural, mental e social) e suas convergências no ecossistema integral, os Atos de Interações Comunicativa (AIC) e da comunhão”, assim como “a língua só existe por causa das interações, ou seja, os AICs, nasce e mantém-se por causa destes, e morre na ausência de interações”, pois “para se conhecer uma língua, seus ecossistemas e sua comunidade de fala, deve-se estudar a Ecologia das Interações Comunicativas (EIC)”. Para Couto (2016b) os elementos da EIC são:

(...) **ecologia da interação comunicativa** (EIC) em que os AICs ocorrem consta de: a) cenário; b) falante e ouvinte; c) **regras interacionais** e **regras sistêmicas**; e d) circunstâncias, ou seja, aquilo/aquele(s) de que o falante fala e/ou está/estão com o ouvinte e/ou de que ele fala. Vale dizer, além dos componentes linguísticos, há os paralinguísticos e os extralinguísticos (proxêmicos, cinésicos etc.) (COUTO, 2016b, p. 233, grifos do autor).

Até o momento, é possível afirmar a existência de dezoito regras interacionais, que se referem a elementos naturais e culturais básicos efetuadas pelos falantes para ocorrer a interação indivíduo-indivíduo, a saber: falante e ouvinte devem estar próximos; devem olhar um para o outro; falar em tom mediano etc. As regras que são ‘regulamento’ são as chamadas regras gramaticais, ou regras sistêmicas, estas consistem em apenas um subconjunto dentro do grande conjunto das regras interacionais⁴.

Ademais, o que pode se inferir das regras interacionais é o chamado fluxo interlocucional, que consiste na cooperação mútua entre F e O, enquanto um fala o outro, escuta, e ao ocorrer a troca de turno F vira O e O vira F, podendo ser representado da seguinte maneira: $F_1 > O_2$; $O_1 < F_2$. O fluxo interlocucional é obrigatório para que se tenha e mantenha um AIC.

Conforme já foi afirmado, a base epistemológica da Ecolinguística é o ecossistema, com isso se faz necessário defini-lo no âmbito desta disciplina. O ecossistema na Ecologia equivale ao ecossistema linguístico que, por sua vez, é reconhecido facilmente tanto pelos linguistas, como pelos falantes e a comunidade. Assim, o ecossistema linguístico é o ecossistema integral da língua

⁴ As regras interacionais se encontram no anexo deste texto.

ECO-REBEL

e, portanto, é a comunidade que pode ser observada pelo pesquisador em duas diferentes perspectivas, a saber: a da comunidade de fala e a da comunidade de língua.

A comunidade de fala na Ecolinguística está para o ecossistema linguístico, pois se trata de um território (T) em que vivem um grupo de pessoas (P), interagindo por meio de características específicas (L) daquele grupo e local. Seguem as palavras de Couto (2016a, p. 53-54), em que, além de chamar atenção para diferentes tipos de comunidade de fala, explica as bases ecológicas desse conceito ecolinguístico:

(...) a comunidade de fala é o ecossistema linguístico por excelência, pois se aproxima mais do ecossistema biológico do que a comunidade de língua, uma vez que é delimitada pelo observador, como no caso da Fazenda, cuja separação das fazendas vizinhas é apenas uma cerca de arame farpado. O linguista ecossistêmico pode delimitar até mesmo o par falante-ouvinte, engajados em um diálogo, como uma comunidade de fala, caso em que seria uma **comunidade de fala mínima**. Ela seria equivalente à célula. Tanto que algumas teorias linguísticas a equiparam à célula, não ao átomo, considerando o diálogo a “célula mínima da comunicação” (...)

Assim, o conceito de comunidade de fala na Ecolinguística, por estar relacionado com sua base epistemológica, também fornece subsídios para sua metodologia, já que é a partir da comunidade de fala que o ecolinguista fará a delimitação, o recorte e a observação de seu objeto de estudo, lembrando que tal processo está relacionado com o trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico. No entanto, é preciso deixar claro que na Ecolinguística o conceito de comunidade de fala difere do empregado pela sociolinguística, já que para esta o foco principal é o comportamento do grupo em relação à variedade linguística (LABOV, 1972). Mesmo com o desenvolvimento das teorias sociolinguísticas, como a da ‘rede social’ (MILROY, 2004) e da ‘comunidade de prática’ (MEYERHOFF, 2004), bem como trabalhos de linguistas que questionaram a definição de Labov e inseriram outros componentes, principalmente sobre o papel do indivíduo na variação e mudança linguísticas, como Romaine (1980) e Gumperz (1996), ainda assim na sociolinguística o enfoque principal se dá no estudo das relações entre o falante e/ou o grupo diante da língua/ norma/ variação no âmbito de alguns aspectos ou práticas sociais específicas.

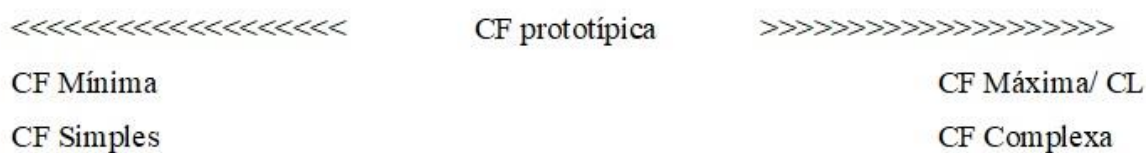
Para a Ecolinguística, o conceito de comunidade de fala enfatiza o indivíduo, as interações entre os indivíduos e o ecossistema em que ocorrem essas interações⁵. Assim, a comunidade de fala,

⁵ De acordo com Mufwene e Vigouroux (2017, p. 87), o conceito de ‘comunidade de práticas’ estaria ainda mais em consonância com uma abordagem ecológica pelo fato de se preocupar mais com os indivíduos e

ECO-REBEL

além de ser distinta do conceito sociolinguístico, pode ser distribuída num *continuum* que num extremo se encontra a ‘comunidade de fala mínima’ (o par falante-ouvinte, grupos étnicos pequenos, povoados, comunidades isoladas), bem como o de ‘comunidade de fala simples’ (grupos monolíngues ou monodialetais), enquanto no outro extremo estão respectivamente a ‘comunidade de fala máxima’ (equivale à comunidade de língua) e a ‘comunidade de fala complexa’ (grupos multilíngues ou multidialetais).

Fig. 2 *Continuum* de Comunidade de Fala (Fonte: autor)



Com o que foi afirmado, pode-se inferir o conceito de ‘comunidade de língua’ na Ecolinguística. Nesta disciplina, enquanto a comunidade de fala é a interação, a comunicação, a língua em uso, ou seja, a língua, a comunidade de língua está para o sistema linguístico, sendo na realidade uma abstração. Em outras palavras, é o ecossistema linguístico visto da perspectiva do sistema (COUTO, 2016a, p. 53). Desta maneira, não possui um território (T) fixo ou o possui um muito amplo; o mesmo pode ser dito das pessoas (P), o que faz com que as interações comunicativas (L) sejam multidialetais, o que corresponde à comunidade de fala máxima e complexa. Na Ecologia Biológica, a comunidade de língua equivale ao bioma, possuindo uma área extensa, mais ou menos delimitada, com algumas características reconhecidas, zonas limítrofes marcando sua transição para outro bioma, entre outros traços.

Na prática, as consequências, bem como as diferenças, nos estudos de caso na Ecolinguística são notáveis, além dos exemplos mencionados anteriormente sobre o estudo do ecossistema linguístico de Timor-Leste (ALBUQUERQUE, 2014, 2017), podemos trazer outros, como: o de Schmaltz Neto (2017) e outro recente do ecolinguista já citado anteriormente, Albuquerque (2020). O estudo de Schmaltz Neto (2017) considera como comunidade de fala o povoado Vale do Amanhecer, no interior do estado de Goiás, que se caracteriza como um bairro Planaltina voltado para práticas religiosas. Schmaltz Neto (2017) delimita seu ecossistema linguístico e sua comunidade de fala,

seus comportamentos linguísticos durante as interações.

que neste caso é maior do que a de Uryu, Steffensen e Kramersch (2014), para estudar como se dão as interações entre os indivíduos, as hierarquias religiosas, a importância da vestimenta e dos gestos nas interações, e os elementos espiritual-religiosos que envolvem tais interações. Finalmente, em Albuquerque (2020), o autor analisa a interação entre um professor estrangeiro e um aluno leste-timorense dentro e fora de sala de aula, considerando como comunidade de fala a chamada ‘comunidade de fala mínima’, que se trata somente do par falante-ouvinte, mínimo necessário para um diálogo. Neste estudo, o autor estuda como a mudança de ecossistema influencia as escolhas linguísticas e até o tipo de interação entre os indivíduos.

3. Pluricentrismo ou acentrismo como nova base epistemológica

A proposta do pluricentrismo de Clyne (1992) está em consonância com a Ecolinguística, principalmente por causa da necessidade de delimitação de um habitat linguístico para sua definição e pelo fato de não considerar apenas um centro linguístico. Por isso, nesta seção, discorreremos a respeito dela e também do acentrismo que se trata de uma proposta semelhante à do pluricentrismo, porém no lugar de se estudar a língua sob a perspectiva de vários centros, elimina-se a noção de centro em favor dos conceitos de rede e processos.

Além de os conceitos de rede e processo para os estudos linguísticos ser uma nova contribuição, o emprego da proposta do pluricentrismo serve do mesmo modo para uma simplificação terminológica, já que não se faz necessário o emprego da rica terminologia linguística para denominar os diferentes tipos ou status das línguas, como: língua culta, língua padrão, língua estatal, língua crioula, língua de herança etc.

No âmbito da Ecolinguística, esses estudos ocorrem na exoecologia linguística, pois se preocupam com as relações da língua com os elementos extralinguísticos, ou seja, o mundo. Como eles possuem mais ligações com aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, eles estão mais para o ecossistema social da língua, mas não deixam de apresentar traços que façam parte ora do ecossistema natural da língua, ora do ecossistema mental da língua, mesmo que apenas ocasionalmente. Vale lembrar que a Ecolinguística não ignora ou descarta os conhecimentos alcançados pela sociolinguística, ao contrário, pelo seu caráter multidisciplinar, ou transdisciplinar conforme já foi apontado, leva em consideração e até incorpora certos aspectos dessa área.

As concepções normativas sobre as línguas, juntamente com ideologias políticas, românticas etc., no decorrer da história, forneceram as ideias de ‘certo x errado’, língua padrão, língua estatal,

ECO-REBEL

língua oficial, norma, entre outras. De maneira semelhante, mesmo com o desenvolvimento da Linguística Moderna no século XX, vindo a analisar os equívocos e/ou imprecisões desses termos, acabou por trazer à tona uma nova terminologia, como ‘pidgin’, ‘crioulo’, ‘língua reestruturada’, ‘língua mista’, ‘segunda língua’, ‘língua de trabalho’, ‘língua de herança’ etc., que segundo alguns linguistas, também apresentam uma carga de imprecisão e até erros, o que não contribui para o status científico da Linguística. A Ecolinguística pode contribuir e até oferecer subsídios para a solução desse e de outros temas controversos.

A mentalidade que perpassa toda essa terminologia pode ser resumida ao monocentrismo ou eurocentrismo, em que se considera, de maneira explícita ou implícita, a existência de um centro único falante da língua, em sua variedade ‘boa’, ‘correta’, ‘pura’ etc., enquanto as demais variedades são consideradas ‘erradas’, ‘menores’ ou para não ser atribuído estes termos pejorativos a Linguística tradicional fornece alternativas, conforme mencionados acima, o que não deixa de atribuir um prestígio/ status diferente a essas variedades fora do centro.

O pluricentrismo vai em direção exatamente oposta ao que foi comentado anteriormente, pois não há somente um centro (linguístico), mas vários. Aplicando esse conceito aos estudos linguísticos, o pesquisador passa a encarar as línguas de maneira multifacetada e estando consciente da existência de diferentes centros e normas. Batoréo (2014, p. 4) explica a aplicação do pluricentrismo ao português, ou seja, encarar a língua portuguesa como língua pluricêntrica:

(...) cada uma das variedades do Português, independentemente do *status* que lhe é atribuído oficialmente (língua nacional, língua oficial, língua segunda etc.) pode apresentar as suas especificidades ao nível sintático, semântico, fonológico e/ ou lexical, o que pode até chegar a criar dificuldades de intercompreensão entre os falantes de variantes diferentes. A problemática que recentemente tem vindo a ser trazida à tona das discussões (...) tem sido muito diversificada, procurando enfrentar os velhos tabus linguísticos e culturais da Língua Portuguesa, tais como o do Português percebido como um bloco monolítico único, indivisível e resistente aos ventos da história e do tempo, superiormente uno, apesar da diversidade visível.

Assim, o pluricentrismo é um dos desenvolvimentos teóricos da Linguística que procura superar os equívocos e limitações citados no decorrer deste texto, principalmente na visão monocêntrica/ eurocêntrica, ao submeter a pesquisa das demais variedades linguísticas distantes do centro europeu como algo exótico, além de equivocada e limitadora, podemos afirmar que isso é até preconceituoso. Ao adotar os conceitos do pluricentrismo linguístico, a Ecolinguística enriquece seu suporte teórico-metodológico.

ECO-REBEL

De acordo com o que apresentamos sobre a Ecolinguística, a base epistemológica desta disciplina é o ‘ecossistema’ e a visão da língua é a ‘interação’, bem como as ‘regras’, sejam as ‘regras interacionais’ ou as ‘regras sistêmicas’ (gramaticais), existem apenas para possibilitar a ‘interação’. Assim, a perspectiva que o ecolinguista tem da interação, ou seja, da língua dentro do ecossistema, é uma perspectiva de redes e processos. Com isso, sabe-se que as redes não apresentam um centro e o ecolinguista não precisa ficar limitado ao estudo de fenômenos linguísticos ou estruturas específicas; ao invés disso, ele pode focar nas diferentes variedades da língua estudada, observando detalhadamente as interações dentro de um ecossistema ou comparando-as com ecossistemas distintos, e que, pensando na língua portuguesa, o pesquisador pode investigar alguma variedade específica do português sem submetê-la ao Português Europeu como base ou pode comparar de maneira diversificada as diferentes variedades do português (BATORÉO; CASADINHO, 2009).

Vale lembrar que a proposta do pluricentrismo, e de redes e processos, além de estarem em consonância com a Ecolinguística também o estão com as ciências de sistemas complexos, conforme já discutido anteriormente, principalmente as ciências cognitivas. O que mostra que tanto o conceito de ‘pluricentrismo’ da Linguística, como vários aspectos da Linguística Cognitiva estão em harmonia com a Ecolinguística. Desta maneira, as pesquisas atuais do pluricentrismo estão relacionadas com a Linguística Cognitiva e, segundo Silva (2018, p. 840), se preocupam com três questões fundamentais, enfatizando os aspectos da ‘variação do significado’ e do ‘significado da variação’. Segue a descrição dessas três questões:

A primeira é a relação entre variação linguística nacional, cultura e cognição. (...) o tópico central de investigação é a *variação do significado* em línguas pluricêntricas e a questão fundamental é saber como é que a variação linguística nacional afeta o significado. (...)
A segunda questão (...) é saber como é que se correlacionam as dimensões conceptual e social da variação nacional e que métodos são necessários para descrever a interação entre significado conceptual e fatores variacionistas.
(...) a terceira questão incide no *significado da variação* ou representação cognitiva da variação linguística nacional (...) é saber como os falantes percebem, categorizam e avaliam a variação linguística nacional.

Finalmente, alguns ecolinguistas têm observado que o ‘pluricentrismo’ não deixa de estar relacionado, ou ter como base, a ideia de ‘centro’, mesmo que se considere mais de um, e permanecer com essa perspectiva de centro(s) linguístico(s) não está plenamente de acordo com a visão ecológica de mundo da Ecolinguística, tampouco com as ciências de sistema complexos, em

ECO-REBEL

que se encaixam as visões de redes e processos. De acordo com Couto (2015, p. 58), estaria em harmonia com essas visões o acentrismo, ou seja, a ausência de centros:

(...) o investigador pode considerar qualquer ponto da rede como o ‘centro’ *hic et nunc*.
(...) Na linguagem, essa visão vale não só para o domínio total da comunidade de língua, mas para o interior de cada país também, isto é, para o dialetalismo. Qualquer lugarejo, por menor que seja, pode ser considerado pelo observador, momentaneamente, o ‘centro’ da comunidade linguística portuguesa.

Com isso, é possível afirmar que a Ecolinguística oferece uma nova base epistemológica para os estudos linguísticos, além de estar relacionada e considerar os avanços de outras disciplinas, como a Biologia, a Psicologia, as Ciências Cognitivas etc. Essa base epistemológica, bem como teórico-metodológica, baseia-se no ecossistema, nas interações e no pluri- e acentrismo. Por meio deste, reduz-se a necessidade e, ocasionalmente, a imprecisão do emprego excessivo de termos para se referir às línguas de acordo com suas características sócio-históricas; expande-se e desenvolve-se a pesquisa em Linguística, já que são levadas em consideração como centros qualquer comunidade que o observador desejar investigar e, da mesma maneira, as interações dentro desta comunidade são estudadas de uma maneira inovadora.

A pesquisa em Ecolinguística se apresenta como inovadora, além de oferecer uma nova base epistemológica para a Linguística, conforme comentamos anteriormente e procuramos expor de maneira clara no decorrer deste trabalho, por fornecer ao pesquisador: um novo aporte teórico, o da abordagem ecológica, que não descarta os avanços já alcançados pelas demais teorias e áreas da Linguística; uma nova metodologia para a pesquisa em Linguística; uma nova maneira de se encarar ‘língua’ e de se observar os fenômenos linguísticos, que são as interações no ecossistema; maneiras distintas de se interpretar os dados coletados, seguindo também uma visão ecológica.

A aplicação para estudos de caso do pluricentrismo e do acentrismo em Ecolinguística ainda se encontra em estágio inicial, já que foi levantada e debatida apenas oralmente em discussões que surgiram a partir do ano de 2012 em diferentes eventos de Ecolinguística, sendo formalizada somente com a publicação de Couto (2016a), porém alguns ecolinguistas que estiveram presentes nesses eventos e participaram dessas discussões já colocaram algumas dessas ideias em prática. Podemos retomar aqui como um exemplo de estudo de caso a pesquisa de Albuquerque (2014, 2017) sobre o ecossistema linguístico de Timor-Leste, particularmente sobre a presença da língua portuguesa neste ecossistema linguística específico. De acordo com o que já foi resumido

anteriormente sobre o estudo de caso elaborado por Albuquerque (2017), o autor aplicou o conceito de acentrismo linguístico em sua pesquisa ecolinguística, pois ao estudar a língua portuguesa no ecossistema de Timor-Leste, o autor se preocupou com: a aquisição, o bilinguismo e o multilinguismo dentro do ecossistema; os diferentes tipos de interações (entre familiares, entre amigos, entre os diferentes membros do ecossistema, entre o pesquisador e os membros da comunidade e entre os membros da comunidade e pessoas de fora); elementos que causam impacto no ecossistema (escolarização, mídias, política e presença oficial de estrangeiros; descrição linguística dos elementos do português dentro do ecossistema linguístico local; e a coexistência de diferentes ‘espécies’ linguísticas dentro do ecossistema (as interações entre o português, o inglês, outras línguas estrangeiras e as línguas locais). Com a retomada desse estudo de caso, fica claro que Albuquerque (2014, 2017) encarou a língua portuguesa no ecossistema linguístico local de Timor-Leste como uma língua acêntrica, já que não considerou nenhuma norma linguística prévia como padrão, tampouco comparou o português em Timor-Leste com o português falado em outros lugares; apresentou uma visão ecológica e holística da presença da língua portuguesa em Timor-Leste ao procurar investigar vários aspectos das interações dessa língua no interior do ecossistema.

4. Considerações finais

Neste trabalho apresentamos a perspectiva ecolinguística como uma nova base epistemológica para os estudos da linguagem. Vimos que se trata de uma disciplina recente, apresentando diferentes propostas teóricas e metodológicas, porém todas têm a base comum, como: relacionar os estudos linguísticos com a Biologia, a Ecologia e as disciplinas afins; a presença do ecossistema e das interações; a complexidade dessas interações; a necessidade de uma visão de mundo distinta, baseada na Ecofilosofia e na Ecologia.

A Ecolinguística ainda é criticada por alguns linguistas (principalmente pela existência de diferentes teorias, não ter uma metodologia clara e objeto de estudo bem definido), porém nos últimos anos os simpatizantes e praticantes desta área vêm respondendo a tais críticas e resolvendo esses problemas, de acordo com o que foi apresentado na seção (1).

Finalmente, a contribuição epistemológica, bem como teórica, metodológica e ontológica, da Ecolinguística vem a ser: a base para a pesquisa/ investigação que parte do ecossistema e das interações que se dão dentro dele; a proposta distinta para a investigação dessas interações, enfatizando as regras interacionais; a visão diversificada a respeito de conceitos tradicionais da

ECO-REBEL

Linguística, especialmente língua, comunidade, gramática e regras, conforme foi discutido na seção (2); a adoção dos procedimentos das ciências de sistemas complexos e cognitivas, como rede, processos e sistemas adaptativos; o emprego de avanços significativos das áreas linguísticas, como a Sociolinguística, a Linguística Aplicada, entre outras, a exemplo do pluricentrismo que assume uma perspectiva específica dentro da Ecolinguística e também é expandido, sofrendo modificações para a pesquisa e visão ecolinguística, por isso o conceito de acentrismo, discutido na seção (3).

Estamos conscientes das limitações da Ecolinguística, sendo as principais delas o fato de ser uma disciplina recente, com diferentes modelos teóricos, sendo que alguns não possuem relações com outros, bem como a necessidade do refinamento de alguns conceitos e de um número reduzido de investigações e estudos de caso publicados. Assim, é necessário um maior número de pesquisas para se verificar a aplicabilidade e os resultados desta nova abordagem para os estudos da linguagem. Da mesma maneira, com o aumento de pesquisas e divulgações dos resultados, é possível aumentar também o debate científico, o que refinaria e desenvolveria certos conceitos ecolinguísticos, o que é um passo importante que já vem sendo dado nos últimos anos, mas que deve ser cada vez mais ampliado para se firmar essa disciplina. Por isso, consideramos importante contribuir para tal debate, discutindo as contribuições epistemológicas desta abordagem para a Linguística e para os linguistas, já que esta nova disciplina aos poucos vem sendo praticada e ganha espaço no Brasil.

Referências

- ALBUQUERQUE, D. B. *A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- _____. Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística. *Via Litterae*, v. 7, n. 1, p. 131-142, 2015.
- _____. A ecolinguística e a dinâmica das línguas em Timor-Leste. In: COUTO, E. K. N. *et al.* (org.). *Linguística Ecolinguística - 10 Anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas-SP: Pontes Editora, 2017. p. 191-204.
- _____. A ecologia da interação comunicativa: metodologia e análise. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.6, n.1, p.124–154, 2020.

ECO-REBEL

- ARAÚJO, G. P. 10 anos de ecolinguística no Brasil: percurso de sua afirmação como área dos estudos linguísticos em nosso país. In: COUTO, E. K. N. *et al.* (org.). *Linguística Ecolinguística - 10 Anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas-SP: Pontes Editora, 2017. p. 65-82.
- BANG, J. C.; DØØR, J. *Language, Ecology and Society*. A Dialectical Approach. Londres: Continuum, 2007.
- _____. Ecolinguística: um enquadramento conceitual. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.1, n.2, p. 74-93, 2015.
- BANG, J. C.; TRAMPE, W. Aspects of an ecological theory of language. *Language Sciences*, v. 41, p. 83-92, 2014.
- BASTARDAS-BOADA, A. The Ecology of Language Contact. Minority and Majority Languages. FILL, A.; PENZ, H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017. p. 26-39.
- BATORÉO, H. J. Que gramática(s) temos para estudar o Português língua pluricêntrica? *Revista Diadorim*, v. 16, p. 1-15, 2014.
- BATORÉO, H. J.; CASADINHO, M. O Português – uma língua pluricêntrica. O Caso de Timor-Leste. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 13, n. 01, p. 63-79, 2009.
- CALVET, L-J. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.
- _____. Quels fondements pour une écologie des langues?. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.2, n.2, p. 19-35, 2016.
- CLYNE, M. Pluricentric languages. Introduction. In: CLYNE, M. (ed.). *Pluricentric Languages: differing norms in different nations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. p. 1-10.
- COUTO, H. H. *Ecolinguística*. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.
- _____. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.
- _____. Comunidade de fala revisitada. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 02, n. 02, p. 49-72, 2016a.

ECO-REBEL

- _____. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. H. et al. (org.) *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016b. p. 209-262.
- _____. A metodologia na linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 04, n. 02, p. 18-33, 2018.
- COUTO, E. K. N. Dez anos de ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretações. In: COUTO, E. K. N. et al. (org.). *Linguística Ecossistêmica - 10 Anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas-SP: Pontes Editora, 2017. p. 45-64.
- FILL, A; MÜHLHÄUSLER, P. Introduction. In: FILL, A; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). *The ecolinguistics reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001. p. 1-9.
- FILL, A.; PENZ; H. Ecolinguistics in the 21st Century. New Orientations and Future Directions. In: FILL, A.; PENZ; H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017. p. 437-443.
- FINKE, P. The ecology of science and its consequences for the ecology of language. *Language Sciences*, v. 41, p. 71-82, 2014.
- _____. Transdisciplinary Linguistics. Ecolinguistics as a Pacemaker into a New Scientific Age. In: FILL, A.; PENZ; H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017. p. 406-419.
- GARNER, M. *Language: An Ecological View*. Oxford: Peter Lang, 2004.
- _____. Language rules and language ecology. *Language Sciences*, v. 41, p. 111-121, 2014.
- _____. Ecologia da língua como teoria linguística. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.1, n.2, p. 55-68, 2015.
- GUMPERZ, J. J. Introduction to part IV. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (Ed.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 359-373.
- HALLIDAY, M. A. K. New ways of meaning: The challenge of applied linguistics. In: FILL, A; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). *The ecolinguistics reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001 [1990]. p. 175-202.
- HAUGEN, E. *The Ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MAKKAI, A. *Ecolinguistics. ¿Toward a New **Paradigm** for the Science of Language?* Londres: Pinter Publishers Ltd., 1993.

ECO-REBEL

- _____. Porque ****Ecolinguística****. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1, n.1, p. 22-37, 2015.
- _____. Da gramática pragmo-ecológica à ecolinguística (1973-1993). *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.2, n.2, p. 44-48, 2016.
- MEYERHOFF, M. Communities of practice. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Ed.). *Handbook of variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 526-548.
- MILROY, L. Social networks: communities of practice. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (eds.). *Handbook of variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004, p. 549-572.
- MÜHLHÄUSLER, P. *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge, 2003.
- _____. Pensando ecologicamente. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.2, n.1, p. 71-74, 2016.
- _____. Ecologia das línguas. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.3, n.2, p. 85-88, 2017.
- MUFWENE, S. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. *Language Evolution. Contact, Competition and Change*. Londres: Continuum, 2008.
- MUFWENE, S.; VIGOUROUX, C. Individuals, populations, and timespace. Perspectives on the ecology of language revisited. *Language Ecology*, v.1, n.1, p.75-102, 2017.
- NASH, J. *Insular Toponymies*. Pristine Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2013.
- ODUM, E. P. *Fundamentals of Ecology*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1971.
- ROMAINE, S. What is a speech community? In: *Sociolinguistic. Variation in speech communities*. London: Edward Arnold, 1980. p. 13-24.
- SCHMALTZ NETO, G. F. *Vale do Amanhecer como comunidade de fala: Uma visão ecolinguística*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- SILVA, A. S. Variação linguística e pluricentrismo: novos conceitos e descrições. *Actas do XIII Congresso Internacional de Linguística Xeral*. Vigo: 2018. p. 838-845.

ECO-REBEL

SILVA, A. S.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Orgs.) *Línguas Pluricêntricas. Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*. Braga: Aletheia, 2011.

TRAMPE, W. *Ökologische Linguistik. Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

_____. Ökosysteme und Sprache-Welt-Systeme, in: FILL, A. (ed.). *Sprachökologie und Ökolingüistik*. Tübingen: Stauffenberg, 1996. p. 59-75.

_____. Sobre o papel da linguagem nos sistemas ecológicos antropogênicos. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.2, n.1, p.39-56, 2016.

URYU, M.; STEFFENSEN, S.; KRAMSCH, C. The ecology of intercultural interaction: timescales, temporal ranges and identity dynamics. *Language Sciences*, v.41, n.1, p. 41-59, 2014.

Aceito em 25/07/2021.

ECO-REBEL

ANEXO

Regras interacionais

- 1) Falante e ouvinte ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
- 2) Falante e ouvinte ficam de frente um para o outro.
- 3) Falante e ouvinte devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
- 4) Falante deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
- 5) A uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
- 6) Tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
- 7) A solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (*por favor, oi etc.*).
- 8) A tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
- 9) Se o assunto da interação for sério, falante e ouvinte devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
- 10) Falante e ouvinte devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
- 11) Durante a interação, o falante e ouvinte de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.
- 12) Em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
- 13) Adaptação mútua: o falante deve expressar-se como acha que o ouvinte entenderá e o ouvinte interpretará o que o falante disse como acha que é o que ele quis dizer.
- 14) Conhecimento comunitário compartilhado.
- 15) Conhecimento compartilhado apenas pelos dois interlocutores.
- 16) Dados da ecologia da interação comunicativa (tudo do espaço-tempo dos interlocutores).
- 17) O encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (*tá bom, tá, é isso etc.*).
- 18) Regras sistêmicas (a ‘gramática’: há tantas regras sistêmicas quantas forem as regras gramaticais).